

organização
JAIRO CARIOCA
RONALD LOPES

CAMINHOS DA MASCULINIDADE

narrativas pretas, indígenas e lgbtqiapn+
em uma educação transgressora

ESCUTA
PERIPHÉRICA

CPAPEC.ORG

CAMINHOS DA MASCULINIDADE

NARRATIVAS PRETAS, INDÍGENAS E LGBTQIAPN+ EM UMA EDUCAÇÃO TRANSGRESSORA

Coletivo de Pesquisa Ativista em Psicanálise, Educação e Cultura Ltda.
1ª Edição - Copyright© 2026 dos autores
Direitos de Edição Reservados ao Coletivo de Pesquisa Ativista em Psicanálise, Educação e Cultura Ltda.

Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada indevidamente, sem estar de acordo com a lei nº 9.610/98. Se incorreções forem encontradas, serão de exclusiva responsabilidade de seus organizadores. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional de acordo com as Leis nº 10.994, de 14/12/2004 e 12.192, de 14/01/2010.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Caminhos da masculinidade [livro eletrônico] : narrativas pretas, indígenas e LGBTQIAPN+ em uma educação transgressora / organização Jairo Carioca, Ronald Lopes. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Escuta Periphérica, 2026.
HTML5

Bibliografia
ISBN 978-65-979707-0-4

1. Ciências sociais 2. Educação 3. Indígenas - Educação 4. LGBTQIAP+ - Siglas 5. Masculinidade (Psicologia) 6. Negros - Brasil 7. Psicanálise I. Carioca, Jairo. II. Lopes, Ronald.

26-348161.0 CDD-300.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências sociais : Estudo e ensino 300.7

Livia Dias Vaz - Bibliotecária - CRB-8/9638

Normalização bibliográfica conforme o estilo *Chicago Manual of Style*.

ESCUTA PERIPHÉRICA

CPAPEC ■ COLETIVO DE PESQUISA ATIVISTA EM PSICANÁLISE, EDUCAÇÃO E CULTURA

Coletivo de Pesquisa Ativista em Psicanálise, Educação e Cultura Ltda.
Rua São Filadelfo, 21 – Penha
Rio de Janeiro – CEP 21.021-190
Tel: (21) 99702-1037
https://selo.cpapec.org
Printed in Brazil
Impresso no Brasil

Jairo Carioca de Oliveira

Ronald Lopes de Oliveira

Organizadores

CAMINHOS DA MASCULINIDADE

NARRATIVAS PRETAS, INDÍGENAS E LGBTQIAPN+ EM UMA EDUCAÇÃO TRANSGRESSORA

ESCUTA PERIPHÉRICA

Rio de Janeiro, RJ
2026

ESCUTA PERIPHÉRICA

CPAPEC ■ COLETIVO DE PESQUISA ATIVISTA EM PSICANÁLISE, EDUCAÇÃO E CULTURA

FICHA TÉCNICA

Título: CAMINHOS DA MASCULINIDADE
Subtítulo: Narrativas Pretas, Indígenas e LGBTQIAPN+ em uma Educação Transgressora
Organizadores: Jairo Carioca de Oliveira, Ronald Lopes de Oliveira
Prefácio: Brian Kibuuka
Apresentação: Jairo Carioca de Oliveira e Ronald Lopes de Oliveira

CONSELHO EDITORIAL:

Dr. Auterives Maciel Junior – UFRJ
Dr. Brian Kibuuka – UFF
Dra. Carla Françoia – PUC
Dra. Eliane Caldas – UERJ
Dr. Hudson A. R. Bonomo – UVA
Dra. Isildinha Nogueira – USP
Dra. Joyce Alves – USP
Dr. Richard Couto – UERJ
Dra. Rosangela Hilário – USP
Dra. Sara Wagner York – UERJ

CRÉDITOS DA EDIÇÃO
Projeto Gráfico e Diagramação: Hudson A. R. Bonomo
Arte de Capa: Hudson A. R. Bonomo / imagem gerada com SORA A.I.
Revisão: Hudson A. R. Bonomo e Ronald Lopes
Normalização Técnica: Chicago

DADOS DA EDITORA Selo Editorial: Escuta Periphérica
Editora: Coletivo de Pesquisa Ativista em Psicanálise, Educação e Cultura Ltda.
Endereço: Rua São Filadelfo, 21 – Penha, Rio de Janeiro, RJ – CEP 21.021-190
Contato: (21) 99702-1037
Site: https://selo.cpapec.org – **ISBN:** 978-65-979707-0-4

DIREITOS AUTORAIS
Copyright © 2026 dos autores / Jairo Carioca e Ronald Lopes Direitos de Edição Reservados ao Coletivo de Pesquisa Ativista em Psicanálise, Educação e Cultura Ltda.

Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada indevidamente, sem estar de acordo com a lei nº 9.610/98. Se incorreções forem encontradas, serão de exclusiva responsabilidade de seus organizadores. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional de acordo com as Leis nº 10.994, de 14/12/2024 e 12.192, de 14/01/2010.
Printed in Brazil / Impresso no Brasil Rio de Janeiro, RJ – 2026

"Ah
Ser homem exige muito mais do que coragem
Muito mais do que masculinidade
Ser homem exige escolha, meu irmão
E aí?"

Masculinidade
Canção de Tiago Iorc · 2021

Este livro é uma mão estendida — desarmar o ego da masculinidade frágil é trabalhoso, mas vale cada esforço.

SUMÁRIO

PREFÁCIO *10*

APRESENTAÇÃO *20*

CORPO, MEDICINA E SUBJETIVIDADES INTERSEXO E TRANS *22*

UM PLANO "PERFEITO" **24**

UMA XICA, DUAS XICAS E MILHÕES DE XICAS - UM DESCONHECIMENTO PSICANALÍTICO **38**

MASCULINIDADES NEGRAS E EDUCAÇÃO *50*

CAMINHOS DA NEGRITUDE NO ESPAÇO ESCOLAR **52**

RAÇA, GÊNERO E ESCOLHAS AFETIVAS **82**

BICHAS PRETAS E MASCULINIDADES DISSIDENTES **104**

MASCULINIDADES INDÍGENAS E SUBALTERNAS *128*

RITUAL DE PASSAGEM DO POVO SATERÉ-MAWÉ, ADOLESCÊNCIA E QUESTÃO DA MASCULINIDADE **130**

MASCULINIDADES SUBALTERNAS **152**

MASCULINIDADES NEGRAS, CULTURA POPULAR E ESPIRITUALIDADES *170*

VIVENDO O PÓS-CATIVEIRO **172**

ENCONTROS COM A MORTE **202**

ENTRE ORIXÁS E MASCULINIDADES **208**

MASCULINIDADES, POLÍTICA E REDES SOCIAIS *222*

O QUARTO DOS HOMENS **224**

A MASCULINIDADE BOLSONARISTA E O NEOLIBERALISMO **238**

DA INDETERMINAÇÃO ÀS EXPERIÊNCIAS QUEER NA AMAZÔNIA **262**

UBUMOFA **278**

ENTRE A CRUZ E A DANAÇÃO **288**

EXU SORRI NA ENCRUZILHADA **310**

POSFÁCIO **336**

PREFÁCIO

Brian Kibuuka[1]

Vamos começar com uma pergunta: quem teve a audácia de dizer que masculinidade é uma coisa só? Quem assinou esse contrato fajuto que decidiu, de forma unilateral que ser homem significava ser forte, calado, provedor, racional, viril, competitivo e absolutamente incapaz de escolher uma cortina bonita sem pedir ajuda? Pois é. Este livro, Caminhos da Masculinidade, entra em cena como um belíssimo ato de desobediência. Ele desafia os termos desse contrato colonial, misógino e normativo que forjou o sujeito masculino ideal e, com um sorriso de canto de boca e uma verve acadêmica refinada, simplesmente rasga essa certidão de nascimento do homem-padrão.

Não se engane: apesar do tom muitas vezes literário, poético, até sarcástico de algumas passagens — e que delícia encontrar ironia lúcida e zombeteira em textos acadêmicos! —, este é um livro com as armas da crítica bem afiadas. Aqui se cruzam saberes ancestrais, epistemologias do sul, teorias queer, psicanálise, pedagogias decoloniais, histórias de vida, política pública e religiosidade afroindígena com a desenvoltura de quem já entendeu que o rigor acadêmico não precisa de rigidez burocrática. Pelo contrário, pode dançar. Pode gingar. Pode andar na beirada da

[1] Brian Kibuuka é Professor Adjunto de História Antiga na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), atuando nos Programas de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e História. Possui Pós-Doutorado pela Université de Paris I - Panthéon-Sorbonne e pela Universidade Federal Fluminense, Doutorado em História Social (UFF), e três Mestrados: Estudos Clássicos (Universidade de Coimbra), História Social (UFF) e Letras Clássicas (UFRJ). É graduado em Letras (Português/Grego Clássico) e Teologia. Suas áreas de pesquisa incluem Estudos de Gênero, Análise de Discurso, História Cultural da Grécia Antiga (com foco no teatro de Eurípides) e Estudos Bíblicos, especialmente sobre Judaísmo e Cristianismo Antigo.

encruzilhada e conversar com Exu sem pedir licença a Lacan.

A proposta do livro não é nada menos do que reconfigurar o mapa da masculinidade a partir de seus abismos, margens, becos, terreiros e favelas. Cada capítulo tensiona a masculinidade como lugar de poder e privilégio, mas também como território disputado por subjetividades insurgentes, corpos dissidentes, experiências historicamente interditadas e afetos subversivos. Trata-se de uma convocação à escuta. E que escuta! Escuta de travestis ancestrais, de homens negros chorando no corredor da escola, de adolescentes indígenas com corpos marcados pelo ritual, de professores evangélicos falando de sexualidade entre os bancos do culto e as mesas do sindicato.

A coletânea tem a graça rara de ser, ao mesmo tempo, profundamente política e radicalmente humana. Ela não moraliza, não aponta dedos, não dramatiza em excesso — ela mostra caminhos. Mostra com método, com narrativa, com teoria e com vivência. Mostra que não dá mais para falar de educação, de saúde, de religião, de políticas públicas, sem incluir os corpos, os afetos, as dores e as potências daqueles que sempre foram reduzidos a anomalias ou invisibilizados como se não existissem.

E a gente sabe: o que não se escuta, se apaga. E o que se apaga, se mata. A gente sabe.

O que me fascina nesta coletânea é que ela é, de fato, um terreiro editorial. Não por acaso, há um texto chamado Entre Orixás e Masculinidades, mas a analogia vale para a obra como um todo. Cada capítulo é uma entidade que baixa com seu fundamento, gira com sua cosmovisão e deixa axé na roda. E gira bonito. Mas é um giro que não é só religioso ou simbólico — é político, é acadêmico, é radicalmente afetivo. É um giro que convoca a ancestralidade para abrir caminhos nas universidades, e convoca a universidade a sair do armário, do gabinete e da caixa hermética da "neutralidade epistêmica" para lidar com a vida como ela é: complexa, diversa e transgressora.

E o que dizer do texto sobre Xica Manicongo? Ali não há só história. Há fogo. Fogo que arde, que dança e que gira nos corpos travestis que são o futuro — como o próprio texto sentencia, num final digno de pomba-

gira zombando da Santa Inquisição. A história de Xica é mais do que memória; é profecia. Um recado claro de que as margens não são periferia do mundo, mas centro de outra epistemologia possível. Uma epistemologia em que corpos são textos, e cada gesto de insubmissão é uma assinatura contra séculos de disciplinamento colonial. Xica não é só personagem. Xica é metodologia.

E quando pensamos que não há mais como aprofundar, o livro nos conduz pelos labirintos da medicina, do direito, da clínica psicanalítica — sempre com aquele olhar de quem sabe que neutralidade é o nome bonito do privilégio. A crítica ao adultocentrismo, por exemplo, mostra como decisões médicas sobre corpos intersexo continuam a ser tomados por senhores engravatados que nunca se perguntaram o que significa ser humano sem que se precise escolher entre "M" e "F" no formulário. Como bem lembra Amiel Modesto Vieira em seu capítulo inaugural, há mais humanidade nas dúvidas de um corpo não normatizado do que nas certezas de um protocolo biomédico que opera bisturis como se operasse destinos divinos.

E aqui está uma das maiores belezas deste livro: sua capacidade de unir denúncia e anúncio. Denúncia das violências — simbólicas e materiais — contra masculinidades dissidentes; anúncio de outras formas de ser, de viver, de amar, de ensinar e de lutar. Isso não é pouco. Isso é revolução. Mas é uma revolução que sabe ouvir. E, talvez por isso mesmo, seja tão perigosa para quem está acostumado a mandar calar.

Tem um trecho, lá pelas tantas, em que se fala do "trabalho de escuta" como pré-condição para se pensar masculinidades. E não é qualquer escuta. É escuta *periphérica* — esse termo que, na mão de Jairo Carioca e Ronald Lopes, ganha uma dimensão que vai muito além da metáfora. Escutar perifericamente é ouvir do canto do olho, como quem está na beira do tambor esperando a batida certa. É escutar o que foi dito e o que foi silenciado. É dar atenção aos ruídos do mundo e aos silêncios de dentro. E aqui, meus caros, a escuta é também uma forma de cura.

Talvez por isso os textos soem tão vivos. Eles não são artigos clínicos que observam os sujeitos de longe. Eles são documentos sensíveis, densos

e carinhosamente desobedientes. Têm corpo, têm cheiro, têm suor. Têm também angústia e raiva, claro, mas nada da raiva ressentida. É a raiva digna, a raiva pedagógica, como diria bell hooks, que rasga o véu do conforto burguês da universidade e planta na sua cadeira de professor ou professora uma pergunta incômoda: o que você tem feito com seu poder? Com seu saber? Você ainda ensina que "homem de verdade" não chora?

E o que mais me toca nessa leitura é que ela não nos entrega um discurso pronto. Pelo contrário: ela tensiona o tempo todo. Ela nos convida a perceber que masculinidades não são identidades fechadas, mas campos de disputa. Que um homem negro, periférico e evangélico pode, sim, ocupar a escola com afeto, sensibilidade e resistência — como nos mostra o belo texto de Marcelo Medeiros. Que bixas pretas são epistemologias vivas. Que adolescentes indígenas enfrentam desafios de gênero que a escola nem sonha em considerar. Que quebradeiras de coco podem ensinar mais sobre alianças de libertação do que muitas bibliografias de teoria crítica.

Cada capítulo é um ponto de fuga. Mas não fuga como escapismo. Fuga como invenção. Fuga como desvio criativo que funda outro caminho. Uma rota que passa por Exu, por Winnicott, por Foucault, por Mãe Stella, por Fanon, por Preciado, por Xica, por Freud — sempre em desequilíbrio, como quem anda sobre o fio da navalha, mas não para cair: para cortar. Para cortar o discurso da universalidade, da estabilidade de gênero, da epistemologia sem carne.

E falando em carne, que coisa linda o modo como a coletânea trata o corpo — não como ilustração de uma identidade, mas como potência criadora, como palco das batalhas e como arquivo de memórias vividas. O corpo aqui é arquivo e manifesto. É denúncia e anúncio. É espaço e movimento. É resistência em estado bruto.

Se eu dissesse que Caminhos da Masculinidade é apenas um livro, estaria cometendo uma injustiça. Este livro é um ritual. É um rito de passagem. Aliás, o próprio capítulo sobre os Sateré-Mawé nos lembra disso: que ser homem — ou tornar-se homem — não é um fato biológico, mas uma construção simbólica, coletiva e carregada de dor, transformação

e pertencimento. E que essa construção muda, desmorona e se reconstrói, especialmente quando olhamos para além da lente colonizadora. Quando lemos sobre o ritual de iniciação dos jovens indígenas, confrontamos o quanto as nossas escolas (nossas escolas brancas, normativas, higienizadas) evitam a dor, a cicatriz, o sangue — enquanto outros saberes entendem isso como parte da formação da alma.

E é aqui que este livro nos presenteia com algo ainda mais precioso: a chance de entender que há muitas formas de viver o masculino — e que algumas dessas formas já existiam muito antes da psicanálise se dar conta de que gênero não é destino. Sim, há travestis nas aldeias. Sim, há intersexos nas quebradas. Sim, há bixas teólogas, homens negros afetuosos, transmasculinos que dançam e cuidam, meninos periféricos que só querem abraçar sem parecer "fracos". E não há nada de novo nisso, exceto o fato de que agora temos coragem de contar. E contar com estilo, com afeto e com metodologia.

O estilo deste livro é uma coisa à parte. Ele flerta com a literatura, com o samba, com o axé, com o pajubá, com a fala da quebrada e com o texto científico. É um livro que não pede desculpas por ser escrito com emoção. Que não disfarça sua intenção política por trás de jargões neutros. Que sabe que cada palavra pode ser instrumento ou armadilha — e por isso cuida de cada frase como quem escreve um ponto cantado: com ritmo, com intenção, com espírito.

E que delícia ver a teoria dançar assim! Não temos aqui aquele academicismo esvaziado que acredita que citações valem mais que vivências. Temos autores que citam bell hooks com o mesmo respeito com que citam suas tias, suas mães, suas travestis-mestras. E isso muda tudo. Porque não há aqui uma separação entre quem pesquisa e quem vive. Não há sujeito "objeto de estudo". Há gente. Gente viva. Gente viva sendo ouvida.

Mas não se engane: isso não significa falta de rigor. O rigor está todo ali — só que vestido de roupa colorida, com tamanco e batom se for preciso. Rigor com ginga. Rigor que sabe que cuidar do texto é também cuidar da escuta, da ética, da potência que as palavras carregam. Porque

quando uma travesti preta fala de saúde, ela está escrevendo o que muita gente passou anos tentando traduzir em linguagem "científica". E aqui, a linguagem da vida tem prioridade.

Sabe aquele momento em que o leitor, entre encantado e arrepiado, se dá conta de que o livro não está apenas sendo lido, mas que ele está nos lendo de volta? É exatamente isso que acontece quando adentramos os capítulos finais de Caminhos da Masculinidade. O texto se vira para você, encara, sorri com malícia e pergunta: "E aí, vai continuar fingindo que não viu?" Porque não tem como sair ileso. Cada ensaio é como uma dessas conversas de calçada que começam rindo alto e terminam com a alma dilacerada de tanta verdade dita. E, mesmo assim, a gente agradece.

Os textos sobre as redes sociais e os movimentos misóginos, por exemplo, são uma aula de como a tecnologia vem sendo cooptada para produzir e reforçar masculinidades violentas, tóxicas e antidemocráticas. Mas o texto não para na denúncia rasa — ele mostra a arquitetura dessas casas virtuais dos homens, esses porões do ressentimento onde se fabrica o ódio como produto de exportação. E, com inteligência e fôlego analítico, conecta esse fenômeno ao neoliberalismo, ao racismo estrutural e à política de morte que temos visto crescer em escala global, mas com jeitinho bem brasileiro de empurrar a culpa para a vítima.

Aqui, a análise não é feita em gabinete: ela vem do chão da Amazônia, das experiências concretas de sujeitos racializados, queer e empobrecidos que enfrentam, todo dia, não só os algoritmos, mas os atravessamentos da política e da religião em suas vidas. A masculinidade bolsonarista, nesse contexto, não é uma caricatura: é um sintoma. É o espelho sujo no qual muitos homens preferem se mirar a encarar seus próprios medos, suas próprias fragilidades, sua própria possibilidade de mudança. E o livro, corajosamente, escancara esse espelho. Sem panos quentes. Sem condescendência.

Mas, para nossa sorte, Caminhos da Masculinidade não se detém na barbárie. Ele vai além. Ele aposta. Ele canta. Ele gira. Ele convoca entidades e afetos para curar aquilo que o patriarcado mutilou. E é com esse espírito que a coletânea nos entrega o texto sobre UBUMOFA: o

homem ancestral. Uma ode à masculinidade que não precisa se afirmar pela violência, mas que reconhece sua origem no cuidado, na reciprocidade, no coletivo. Uma masculinidade preta, ancestral, reencantada. Um retorno — ou melhor, um renascimento. Porque aqui, ser homem não é estar acima de ninguém. É saber partilhar, proteger, existir com. É assumir a dignidade da lágrima e a força do abraço. É ter coragem de ser vulnerável. É reivindicar outra genealogia para o masculino — uma que não precise matar para se afirmar.

E eis que surge Sam Alcântara, que, ao confrontar o fundamentalismo religioso e os discursos moralistas, revela as violências disfarçadas de moralidade e propõe um caminho de escuta e travessia. Sua análise sobre o masculinismo religioso e a perseguição aos corpos LGBTQIAPN+ é uma poderosa provocação à desconstrução da supremacia masculina e à busca por novas formas de espiritualidade que desafiem os dogmas patriarcais.

Por fim, o livro se fecha com o texto-manifesto de Jairo Carioca e Valdenia Menegon, que rompem com qualquer tentativa de neutralidade ao discutir masculinidade negra, quilombismo e psicanálise. Eles não apenas questionam as imposições da psicanálise branca e elitista, mas propõem uma nova ética relacional, que ressignifica a masculinidade a partir da fricção, do cuidado e da radicalidade de um quilombismo e do mulherismo africana que, ao se reconfigurar, recusa a dominação e o silenciamento.

Caminhos da Masculinidade não é apenas um livro sobre homens; é sobre aquilo que foi feito deles e, mais importante ainda, sobre aquilo que podem se tornar quando escutam a si mesmos, se lembram de suas origens e se entregam à desobediência criativa. A leitura deste livro é um convite à desconstrução. É uma proposta de renovação, como um Exu na encruzilhada, que não promete respostas definitivas, mas nos oferece horizontes de possibilidades para caminhar de outra maneira. Que essa leitura te desconcerte, te leia de volta e, ao final, te faça querer girar.

E quando o livro se encerra, você entende: não é sobre teoria. É sobre vida.

O curioso — e profundamente poético — é que este livro se recusa a seguir as linhas retas da tradição acadêmica como quem recusa as linhas retas da masculinidade hegemônica. Aqui, o saber não é um trilho de trem; é um rio. E rio, a gente sabe, desvia de pedras, dobra esquinas, escava margens, escorre por onde a terra permite. Caminhos da Masculinidade é esse rio. Ele se permite divagar quando é preciso, concentrar-se quando é necessário, transbordar sempre que encontra uma fissura. Não é à toa que o livro fala tanto de corpos que não cabem — corpos trans, corpos intersexo, corpos racializados, corpos que a sociedade tentou endireitar à força. Este é um livro sobre os corpos que escorrem.

E talvez por isso ele incomode tanto. Porque ele é demasiadamente vivo para o gosto de uma academia que ainda gosta de cadáveres epistemológicos: ideias empalhadas, teorias mumificadas, saberes coloniais disfarçados de "crítica neutra". Aqui não há nada disso. Este livro pulsa. Respira. E, como todo corpo vivo, ele soa, ele cheira, ele se movimenta. Ele não cabe numa lógica de fichamento porque ele nos obriga a sentir.

A cada virada de página, você se pega envolvido em um turbilhão de afetos. Porque, convenhamos: que outro livro acadêmico te faz rir com sarcasmo travesti e, três páginas depois, te deixa com os olhos marejados pela brutalidade de uma cirurgia genital em crianças intersexo? Que outro livro te convida a refletir sobre psicanálise, política e necropolítica enquanto te joga no meio de um samba, de um ponto de Exu, de um relato de vida de um estudante negro dos anos 1980 que só queria não ser humilhado pela sua cor?

Este é um livro que te entrega uma pedagogia feita com carne e espírito, com dor e esperança. Ele entende que o saber é coletivo, que o conhecimento não se constrói sozinho num quarto com livros empoeirados, mas em rodas, em escutas, em performances, em protestos, em batuques, em memórias. E, por isso mesmo, os organizadorxs foram sábios em dar protagonismo a tantas vozes plurais — vozes que carregam experiência, mas também epistemologia; vozes que não estão nos manuais, mas que deviam estar em todos os currículos.

E há algo de profundamente político nesse gesto: reconhecer que a

universidade precisa ouvir quem ela sempre silenciou. Que os consultórios precisam de menos neutralidade e mais escuta radical. Que as escolas precisam de menos disciplina e mais travessura. Que a masculinidade precisa de menos poder e mais cuidado. Que a vida precisa de menos "normalidade" e mais verdade.